

José Andrade, Director Regional das Comunidades

“Comunidades açorianas são um activo potencial e estratégico que valoriza os Açores”

POR FRANCISCO RESENDES, NOS EUA

José Andrade, Director Regional das Comunidades, quer dinamizar o relacionamento institucional e não só entre os Açores e as comunidades açorianas no exterior. Conta com o papel de várias instituições, como as Casas dos Açores, mas também com a dinâmica dos órgãos de comunicação social de ambos os lados. O novo Director Regional concedeu uma entrevista ao jornal Portuguese Times, dos EUA, com quem possuímos um protocolo de cooperação há vários anos, que transcrevemos a seguir.

Como encarou esta nomeação para Director Regional das Comunidades?

Como uma agradável surpresa. Quando fui convidado pelo presidente do Governo, José Manuel Bolieiro, e pelo vice-presidente do Governo, Artur Lima, de quem dependo diretamente, aceitei prontamente este desafio e abracei entusiasticamente esta missão.

Desde sempre que me sinto ligado à nossa diáspora. Primeiro, por razões familiares, como qualquer açoriano. A minha bisavó materna imigrou do Brasil, os meus avós paternos emigraram para os Estados Unidos da América, tenho uma tia e três cunhadas emigradas no Canadá.

Depois, por razões institucionais. Cruzei os meus caminhos com as comunidades açorianas, durante três décadas, enquanto assessor do presidente do Governo Regional dos Açores, chefe de gabinete do presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada ou deputado à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores.

Finalmente, por razões pessoais. Desenvolvi um trabalho de investigação sobre o percurso histórico e a situação atual da diáspora açoriana, que me levou a visitar ou a reavisitar, por iniciativa própria e a expensas pessoais, todas as 15 Casas dos Açores que então existiam em Portugal, Canadá, Estados Unidos, Brasil e Uruguai.



Daqui resultou um livro, “Açores no Mundo”, editado em 2017, com prefácio do Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, e com testemunhos dos sucessivos presidentes do Governo Regional, Mota Amaral, Carlos César e Vasco Cordeiro.

Agora, como diretor regional das Comunidades, terei oportunidade e darei o meu melhor para prestar um contributo mais concreto em benefício desta nossa causa comum.

Que projetos e política de orientação para as Comunidades?

A Direção Regional das Comunidades tem competências próprias nas áreas da emigração, incluindo os emigrantes regressados, da imigração e das comunidades açorianas no exterior.

São áreas de relevante importância e de assumido fascínio, porque lidam com a açorianidade e com a interculturalidade.

As comunidades açorianas radicadas no exterior são um ativo potencial de relevante importância estratégica que projeta e valoriza a própria Região Autónoma dos Açores.

Somos 250 mil nas nove ilhas e seremos um milhão e meio no outro lado do

Atlântico, entre emigrantes e seus descendentes.

Por isso, a nossa “décima ilha” precisa e merece ser encarada e tratada com a importância que efetivamente tem.

Três grandes desafios se colocam numa nova abordagem da diáspora açoriana.

Em primeiro lugar, o desafio geracional. Sem menosprezar os nossos emigrantes de primeira geração, temos de saber chegar aos seus filhos e netos, já plenamente integrados nas sociedades de acolhimento, para que não desistam das referências identitárias da cultura açoriana, desde logo, preservando a própria língua portuguesa.

Em segundo lugar, o desafio setorial. Sem menosprezar a marca cultural e o caráter social das nossas comunidades convencionais, temos de reconhecer e valorizar o potencial económico de emigrantes açorianos que vingaram na diáspora e que estarão disponíveis para investir também na sua terra natal, se tiverem, como merecem, oportunidades adequadas e procedimentos facilitados.

Em terceiro lugar, o desafio geográfico. Sem menosprezar os destinos tradicionais e mais representativos da emigração açoriana, temos de estar atentos

e atuantes ao lado de outras pequenas comunidades que começam a afirmar-se noutras paragens da América e em diferentes países da Europa, ou até mesmo da África, acentuando a dimensão global da própria açorianidade.

Temos muito trabalho a fazer! Não nos falta vontade nem criatividade. Que não nos faltem as oportunidades e as condições...

Como vê as comunidades dos EUA e que papel podem desempenhar no contexto da Açorianidade e no reforço dos laços à terra de origem?

As comunidades açorianas dos Estados Unidos da América são, numericamente, as mais representativas da nossa diáspora. Sobretudo na Costa Leste, no Estado de Massachusetts (com 290.000 portugueses, maioritariamente açorianos, recenseados em 1990) e no Estado de Rhode Island (94.000), ou na Costa Oeste, no Estado da Califórnia (346.000), a nossa presença é suficientemente expressiva para ter de ser devidamente respeitada e convenientemente valorizada.

Temos de reforçar, ainda mais, a sua ligação aos Açores, com a nossa política de proximidade, que tanto salguarde a preservação da sua identidade açoriana como promover a afirmação da sua cidadania americana. É possível ser cidadão americano sem deixar de ter coração açoriano.

Temos orgulho nos açorianos da América que afirmam o bom nome dos Açores na interculturalidade do novo mundo. Devemos e queremos estar ao seu lado para ajudar no que estiver ao nosso alcance.

Após este período de paralisação originado pela pandemia, estará na agenda uma visita às comunidades dos EUA?

O novo Governo dos Açores assumiu funções em condições excepcionalmente difíceis. Como, aliás, aconteceu com a nova administração dos Estados Unidos.

Estamos todos condicionados pelo combate prioritário à pandemia da Covid-19 e estamos, desde logo, limitados na nossa própria mobilidade.

No caso específico do novo Director Regional das Comunidades, e mesmo do anterior na fase final do seu mandato, a impossibilidade das deslocações prejudica o normal exercício das funções, que se quer de proximidade permanente.

Anseio pelo rápido restabelecimento de uma nova normalidade, para que possa deslocar-me aos Estados Unidos e estar presencialmente com as nossas comunidades, como gostaria, tantas vezes quanto necessário e possível.

O Director Regional tem de estar junto das Comunidades, assegurando uma